

DI DEUS, Eduardo. A dança das facas: trabalho e técnica em seringais paulistas. Brasília: Editora UnB, 2022.

Israel Araújo¹

ORCID: 0000-0003-0239-7171

O presente livro se origina na tese de doutoramento de Eduardo Di Deus que se dedica a compreender e analisar criteriosamente a realidade técnica e antropológicamente histórica dos seringais paulistas. A pesquisa do autor não deixa de angariar um cunho pessoal: criado entre Rio Branco (AC) e São José do Rio Preto (SP), sua cidade natal, Di Deus passa a notar uma transformação importante na paisagem rural paulista.

Esta transformação diz respeito à presença pungente de plantações de seringueiras no trajeto que fazia até sua cidade natal. Dessa forma, Di Deus (2022) desenvolve uma análise lastreada em uma antropologia histórica do trabalho dos seringueiros paulistas, enfatizando sua dimensão tecno-ambiental. Assim, o autor entende técnica a partir de uma perspectiva antropológica que lhe permite observá-la como locus privilegiado de análise das dimensões sócio-históricas da prática, das pessoas e das relações elicitadas que enfatiza dimensões da aprendizagem, da produção da vida e do trabalho habilidoso.

O autor propõe, nessa guisa, um entrelaçamento de perspectivas e análises de diferentes escalas de relações que vão desde a habilidosa prática da sangria das seringueiras, ou seja, a relação com o vegetal-árvore, incluindo também as relações com padrões e outros sujeitos que perpassam a realidade seringueira no interior paulista.

Duas dimensões vernaculares de seu trabalho se destacam: o estudo da técnica de interação humano-vegetal lapidada nas motricidades da atividade de sangria – bem como suas transformações. E o mundo do trabalho rural repensado enquanto um modo de engajamento particular que estipula a formação de certas habilidades laborais. Pesquisar a técnica da sangria, para Di Deus, é adentrar uma multiplicidade escalar de relações sociotécnicas que se constituem ao longo da história e de espaços complexos.

Ao longo de seu trabalho, ele buscará usar esta atividade como ponto de partida da compreensão da constituição desses seringais paulistas, mas também como aspecto vernacular de uma realidade complexa. Esta que se traduz em um mundo atravessado duplamente por relações

¹Mestrando em Antropologia Social na Universidade de Brasília (PPGAS/UnB) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre em Biodiversité, Écologie et Évolution no Muséum National d'Histoire Naturelle (SeB/MNHN) com gratificação do edital Master d'Excellence (IBEES/ASU). É bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: israelmacs@gmail.com.

rítmicas íntimas entre humano-vegetais. E relações mais amplas que propulsionam fluxos que afetam a paisagem paulista e o mundo produtivo e do trabalho rural da região.

No primeiro capítulo testemunhamos as transformações históricas das técnicas de extração da borracha. Observamos as formas como as relações com as árvores foram tecidas e são exploradas a partir das transformações técnicas e conceituais dessas relações desde o período de exploração amazônica, passando pelas viagens globais desse sistema sociotécnico, aterrissando na paisagem rural paulista. A caracterização da história antropológica dos sistemas sociotécnicos da sangria conta com explorações com o antigo método do arrocho, até a exploração pela machadinha, incluindo outras formas de exploração recorridas e desenvolvidas no contexto asiático. O autor ressalta que as viagens não são de elementos particulares, mas de sistemas técnicos inteiros.

No capítulo 2 existe uma transformação paisagística: tanto no sentido semiótico quanto no sentido prático-processual das atividades e relações. Processos de reconversão de espaços cafeeiros vão dando lugar, paulatinamente, à presença da *Hevea brasiliensis*. Longe de uma oposição total, o autor ressalta que a seringueira “resgata” e transforma relações do período cafeeiro.

Em seguida, o autor desdobra o que considera o coração da sua tese. No capítulo 3, Di Deus desenrola todo o sistema técnico da sangria, que passa por uma apreciação minuciosa de extração do látex. Desde uma consideração das modalidades de gestos e as formas das facas implicadas, passando pelo processo da sangria enquanto alinhamentos de ritmos que geram fluxos, até especificidades como a maneira de sangrar, profundidade de corte, bem como outras modalidades de ações e escolhas técnicas etnografadas.

Algumas noções correntes da antropologia da técnica ajudam a visualizar esse processo. Noções como fluxo e ritmo, tributadas à Leroi-Gourhan (2002), permitem observar níveis diferentes de relação e fluidez da condução de gestos, ferramentas e pessoas dentro de um sistema particular. Ressalta-se também esse continuum humanos-ferramentas e, porque não, ambiente, que é igualmente pertinente.

Para tanto, o autor centraliza a sangria na etnografia. Ele considera que a prática da extração do látex é, acima de tudo, um ato preciso e fino em situações regulares. Ele enxerga a sangria como uma prática de mediação entre ritmos: o humano e o vegetal, mas também de interação em que o estímulo humano, conduzido pela dança das facas dos seringueiros, produz fluxos.

Essas noções permitem acessar de forma processual e sinergicamente múltiplas relações sociais e com os vivos em geral. Não obstante, é perceptível que existe uma preocupação do autor em coadunar uma perspectiva que entende a dimensão do vital e da vida intimamente ligada à dimensão técnica.

Após uma rica e extensa etnografia, bem como uma consideração sobre a história das transformações sociotécnicas da sangria, o autor nos oferece um caso emblemático. No capítulo 4, o autor explora desdobramentos de transformações técnicas na sangria no cenário histórico paulista. Sua análise compreende desde processos migratórios de sangradores, até diferenças entre formas de explorar e operar na atividade.

Talvez o aspecto mais significativo de seu capítulo seja sua exploração de um fato recente, que chama de “linhagem técnica” da sangria. Di Deus (2022) analisa as implicações sociotécnicas do processo de rejeição da faca elétrica na atividade da sangria dos trabalhadores paulistas. O autor explora essa rejeição para além de uma oposição entre tradição e modernidade, ou uma cristalização teimosa por parte dos sangradores. Levar em consideração o caráter inventivo e inovador do trabalho da sangria por parte dos paulistas é um elemento que conduz uma análise que se atém a diferentes maneiras e formas de se apropriar ou não de certos objetos técnicos. É uma análise que recupera as contribuições de Akrich (1987) sobre a implementação de um sistema sociotécnico de fornecimento de energia na Costa do Marfim.

As relações de trabalho também são trabalhadas no capítulo 5 onde Di Deus expõe características ambíguas da atividade nos seringais paulistas. A primeira diz respeito a não ser nem um trabalho totalmente artesanal, apesar da especialização, nem totalmente industrial, apesar da dimensão e caráter da exploração. Mesmo sendo uma atividade rural, Di Deus (2022) explicita que ela não se enquadra plenamente no conceito de campesinato.

O tema do trabalho também aparece de forma significativa quando discute as passagens dos tipos de relações trabalhistas no interior paulista. Das transformações do colonato para o assalariamento nos cultivos paulistas, o autor ressalta o caráter único da heveicultura: a parceria agrícola – ou uma economia da confiança. Essa parceria “gera um compromisso, um engajamento com o ciclo [agrícola] e com o vivente” (Di Deus, 2022, p. 334). Assim, entende que as relações com a árvore são fundamentais para entender as relações com os patrões, e que também conectam “os processos vivos das árvores aos patrões” (Di Deus, 2022, p. 334). Relações essas que têm sido tensionadas por mudanças nas parcerias que buscam limitar as escolhas técnicas de sangradores.

A própria noção de trabalho é repensada pelo autor. A noção a priori de trabalho como exploração negativa da força de trabalho é questionada e trabalho passa a ser visto, também, como uma forma de produção engajada. Pensando trabalho como “interação com múltiplos seres e materiais, com ênfase nas conexões promovidas por processos e objetos técnicos” (Di Deus, 2022, p.341). Dessa forma, o autor se preocupa em lançar uma perspectiva mais holística e ecológica da noção aplicada de trabalho ao contexto dos seringais, levando em consideração as habilidades, conhecimentos e inventividade dos trabalhadores (Di Deus, 2022).

A obra do autor é, sem dúvida, um marco na compreensão de um fenômeno que está razoavelmente calejado nas ciências humanas. O estudo de seringueiras, borracha e seringueiros não é uma novidade na literatura, sobretudo amazônica, como bem reconhece o autor. Mas a compreensão de outros desdobramentos de um sistema sociotécnico que se origina na Amazônia a partir de uma perspectiva que centraliza a técnica como maneira de alcançar viagens, mudanças, transformações e sentidos particulares sobre trabalho e vida é uma novidade. Não só isso, seu ângulo de análise enfatizando temporalidades, espacialidades e a dimensão ontogenética da técnica na sangria é um desdobramento frutífero para estudos na temática.

É perceptível que a importância do seu trabalho transpõe um mero preenchimento de uma lacuna do saber. O percurso da abordagem do autor oferece uma possibilidade criativa e pertinente de compreender relações humano-vegetais que escapam descrições e análises puramente econômicas, políticas ou “culturais”. Dessa forma, entrega sob o signo da antropologia histórica uma análise que alcança múltiplas escalas relacionais, usando como fio condutor a prática da sangria enquanto sistema técnico de associação entre humanos, ferramentas e árvores, mediados por modalidades de gestos, ações e ritmos.

Esse fio condutor nos ajuda a entender o caráter intrinsecamente transformado e formativo da atividade e que exemplifica o potencial antropológico inegável da exploração dessas relações humano-vegetais quando se levam a sério as relações entre espaço, técnica, pessoa, vegetais e história, como elementos de uma investigação holística dos modos de existir e se relacionar no mundo. Acima disso, verifica-se que o autor pretende realçar uma antropologia do trabalho rural em que os processos práticos e de engajamento com processos ambientais, técnicos e da ordem do vivo são centralizados e articulados.

Recebido em 17/06/2024

Aprovado em 26/06/2024

Publicado em 16/08/2024

Referências bibliográficas

AKRICH, Madeleine. *Comment décrire les objets techniques?* Techniques & Culture, 54-55, p. 205-219, 2010.

DI DEUS, Eduardo. *A dança das facas: trabalho e técnica em seringais paulistas*. Brasília: Editora UnB, 488p., 2022.

LEROI-GOURHAN, André. *O Gesto e a Palavra: Memória e Ritmos*. Perspectivas do Homem, Edições 70, vol. 2, 248p., 2002.